

O boné laranja
e a mochila cor de rosa

Maria Cristina Damianovic

O boné laranja
e a mochila cor de rosa

Editora
Universitária  UFPE

Recife, 2011.

Créditos

Capa e Projeto Gráfico Ana Farias

Revisão Fernanda Moreno Cardoso

Montagem e Impressão

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife - PE | CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br

Editora associada



Catálogo na fonte

Bibliotecária

Sumário

Maria da Luz vai atrás de Maria Lourdes: 09
na garupa doce ilusão

Eles não vêm não. Só no sábado 17

Claudemirton começa a ser vigia 23

O dia da feira 33

E os anos passam 47

Ao meu marido, Paulo.
À Fernanda, musa de Maria da Luz.

Maria da Luz vai atrás de Maria Lourdes: na garupa doce ilusão

Profa. Maria da Luz, preocupada com as ausências de Maria Lourdes na escola, e de cabelos em pé ao saber que a aluna anda trabalhando em casa ao invés de ir à escola, decide ir até a casa da aluna. Como não tem carro, ela pega a bicicleta do vigia da escola para ir até o sítio de Maria Lourdes.

– Seu Robérvison, o senhor me empresta sua bicicleta para eu ir atrás da Maria Lourdes lá na casa dela?

– A senhora vai até lá sozinha no meio da caatinga, com esse sol na cabeça? É meio dia e dá mais de vinte minutos sobre duas rodas. É subida. Muita caloria na cabeça..

– Vou sim. Ela já falta há muitos dias e soube que ela está trabalhando em casa a mando da mãe.

– A mãe é gente sem estudo, professora. É mulher que nunca saiu daqui do povo. O mais longe que foi é aqui. E só aparece na cidade pra vender mandioca e farinha de mandioca. Não sabe o que é escola e tem muito filho pra comer.

– Quantos anos têm os meninos?

– Por volta de 08, 10, 12, 14, 15 e 18. Acho que tem mais. Mas foram embora pra o Sul ou morreram por aí no pasto.

– Então o senhor me empresta a bicicleta? – com o coração batendo forte para começar as pedaladas, Maria da Luz pergunta.

– A professora volta antes das 4h? Preciso ir embora.

– Volto.

– A professora não quer um chapéu?

– Tenho um boné aqui, obrigada.

– E a senhora vai com essa mochila pesada nas costas?

– Vou sim. Preciso dela, Seu Robérvison. Ah! Seu Robérvison, se eu não voltar até às 4h, o senhor pede para o Jamilnei me buscar de camionete?

– E minha bicicleta?

– Eu trago na caçamba. Mas isso, só se eu não chegar até às 4.

Numa Barra-Forte vermelha, a professora de jeans, camiseta branca baby look, sandália de dedo, de boné laranja e mochila rosa nas costas, começa sua jornada até a casa de Maria Lourdes. A subida é violenta e o suor começa. A camiseta fica em sopa, a calça jeans está grudada nas pernas, uma sandália arrebentou porque enganchou no pedal. O rosto da professora está um puro pimentão. Os olhos claros se destacam naquela cara inchada e exausta.

“O que eu vou falar para a mãe da Maria Lourdes?” – Maria da Luz começou a pensar porque, até então, ela só queria ver a Maria Lourdes na escola.

Do topo da colina, Maria da Luz vê um casebre no final da descida. Lá de cima vê dois pontinhos se mexendo num pátio na frente do casebre. Outros pontinhos no meio de uns pés de mandioca.

“Deve ser ali. Descida!!!!” Lá vai a professora aproveitando para secar-se um pouco com o vento contra o corpo pela bicicleta estar descendo. Os pontinhos se tornam gente e as gentes se tornam pessoas. Lá estava Maria Lourdes, que enxerga a professora e sai correndo para abrir o portão.

– Fecha isso, menina! – berra a mãe torcendo mandioca moída num pano branco para fazer farinha.

– É a ... – interrompida pela mãe bruta, Maria Lourdes não pode dizer que conhece quem está chegando.

– Vai pra dentro, menina! – mais embrutecida, ordena a mãe.

Maria Lourdes de cabeça tão baixa que parece alcançar os pés, entra em casa mergulhada na desilusão da rápida miragem.

Maria da Luz para a bicicleta na frente do portão. Os meninos que estavam no meio dos pés de mandioca se aproximam para ver quem é. Com facões na mão e enxada no ombro, eles olham aquela mulher toda desarrumada e com um pé só de sandália. A mãe continua na casa de farinha a torcer a mandioca.

– Vocês têm um copo de água, por favor? – pergunta a professora para os rapazes, que não respondem com palavras, só abanam a cabeça e apontam para a mãe que continua sem qualquer diferença no seu comportamento.

– Boa tarde, senhora! Eu sou Maria da Luz, professora da Maria Lourdes, a senhora tem um copo de água, por favor?

– Ali no poço – a mãe dá uma queixada para indicar o local.

– Com certa aflição de beber água daquele poço, mas com uma sede de perda no deserto, ela caminha e começa a bombear a água para colocar numa caneca de alumínio que tinha a borda bem marcada de vários lábios que bebem ali. A água chega, ela limpa a borda e dentro da caneca, muito discretamente, com a camiseta que também não estava tão limpa, põe água e engole tudo pedindo que nada aconteça com ela.

Maria Lourdes vê tudo da janela com seu caderno aberto e com lápis na mão. Seus olhos negros estão maiores de tanta surpresa e alegria em rever sua professora.

– Maria Lourdes? – chama a professora, com um pacotinho na mão.

– O que você quer com a menina?

– Vim trazer a lição de casa dela. Faz tempo que ela não vai à escola e fiquei preocupada.

Maria Lourdes vem correndo. A professora não aguenta ver aqueles olhões vindo em sua direção de braços abertos. Sem ter tempo de reagir, quando viu, já tinha Maria Lourdes nos braços.

– Vai pra casa, Maria Lourdes. Tem serviço pra fazer.

– Maria Lourdes, leve sua lição lá pra dentro – entrega a professora, depois de caminhar até a janela para a qual voltou Maria Lourdes.

A professora vai até a mãe. Os meninos todos parados na mesma posição só vendo os acontecimentos.

– Eu vim aqui para contar uma novidade para a senhora – falou entusiasmada a professora, que tirou uma folha impressa da bolsa.

– Sei lê não senhora – ainda torcendo a mandioca, respondeu a mãe.

– Eu leio o que diz aqui. Mas já adianto que é notícia boa e que a senhora poderá ter outra vida.

– A minha vida é essa, professora.

– Meninos, cheguem aqui perto, por favor? Um instante só para vocês ouvirem também. Em quantos vocês são? – perguntou a professora para os meninos.

– Onze – respondeu a mãe.

– Os outros estão na roça? – perguntou a professora.

– Três morreram e um desapareceu – sem qualquer mudança na feição, informou a mãe.

– Desapareceu como? – indignada, perguntou a professora.

– Falou que ia pra o Sul e nunca mais ouvi dele.

– A senhora tem os documentos dele para eu tentar achá-lo?

– Achar? Como? – perguntou a mãe, pela primeira vez, olhando para a professora.

– Lá na escola tem um computador e podemos fazer uma busca. É só a senhora me dar os documentos dele que eu tento descobrir onde ele está.

– Tem documento, não.

– Nada? Certidão de nascimento, carteira de identidade, CPF?

– Tem documento, não.

– E esses meninos aqui e a Maria Lourdes?

– Tem documento, não.

– Vocês gostariam de ter documento? – perguntou a professora aos meninos.

– Pra quê? – perguntou o mais velho.

– Para vocês poderem existir no Brasil e poderem usufruir de benefícios que vocês têm direito. E isso inclui dinheiro.

– Tá dizendo que a gente não existe, professora? – perguntou um outro filho.

– Existir como ser humano, sim. Você está aí. Mas como brasileiro não, porque você não existe como um número para o país. Todo mundo tem um número. Olha os meus aqui – tirando os documentos da carteira.

Os meninos olham o RG, o CPF, a carteira de motorista da professora e a carteira funcional dela. Para cada um dos documentos ela pede para eles lerem o número e explica que aquele número é ela no meio dos milhões de brasileiros no Brasil e que com aqueles números ela tem acesso a diversos serviços.

– A senhora tinha falado em dinheiro? – o mais velho indagou depois de ouvir e ver os números. E ficou de braços cruzados esperando a resposta com um ramo de capim na boca.

– Sim, e não é pouco, e é todo mês – respondeu a professora, procurando controlar o número de palavras.

– E o que a gente tem que fazer, professora? – continuou com interesse o mais velho.

– Amanhã eu conto. Lá na escola, tá bem? E o primeiro benefício sai no mês que vem. Mas tem que ir todo mundo na escola: a senhora, vocês rapazes e você Maria Lourdes. Escutou, querida? Tá me ouvindo aí da janela?

Balançando o caderno em sinal de sim, respondeu Maria Lourdes.

– Bom, então até amanhã. Muito agradecida pela água. Lá na escola amanhã, tá certo? Trabalhem aí primeiro, logo cedo, e espero vocês lá depois do almoço.

– Aqui não almoça não – comentou o mais novo com a pança vazia cheia de fome.

– Então na hora do meio dia espero vocês lá para almoçarem na escola comigo, está bem? A senhora tem que ir com todos para começar a receber o dinheiro.

– Vou não, respondeu a mãe.

– Como não vai? Que absurdo! Vai, sim, porque a senhora tem direito a receber um dinheiro que fará toda a diferença para seus filhos e para sua filha. A senhora não é mãe deles? Não zela por eles? Eles não trabalham com a senhora? Então, é hora deles pa-

rarem de trabalhar e receber dinheiro para estudar. Todos lá amanhã – fala a professora que finge segurança e sai sem olhar para trás. Ela toma o caminho da bicicleta e, propositalmente, deixa para trás seu boné laranja e sua mochila rosa com cadernos, livros de histórias e desenho sobre o chão, perto da casa de farinha.

Eles não vêm não. Só no sábado.

– Professora, o que é que houve? Foi de olho verde e voltou de olho azul?

– Estou exausta, Robérvison, exaurida fisicamente e esgotada psicologicamente – respondeu a professora, que agora tem as roupas encharcadas de suor.

– Senta aí que eu vou trazer gelo, professora – falou Robérvison, apontando para uma espreguiçadeira no terraço da entrada da escola. Robérvison volta e vê a professora com uma só sandália.

– Cadê a outra sandália, professora? – dando cubinhos de gelo para ela.

– Quebrou no caminho e deixei por lá, assim como parte de minha esperança sobre a vida – com tristeza na alma, respondeu a professora que colocava os cubinhos para refrescar as têmporas e as axilas e deixar outros escorrem pelas costas. – Maria Lourdes tem que vir amanhã. A família dela tem que vir amanhã aqui na escola, Robérvison. Que vida é aquela? Todos enfurnados naquela plantação de mandioca. Todos sem documentos, Robérvison. Ninguém nem sabe quando nasceu direito. E nem parece que eles se interessaram pelo que eu disse que eles têm direito de receber.

Tudo com a mesma cara sem expressão. Que lentidão para agir! Que ignorância! – desabafou a professora pedindo mais gelo.

– Ignorância de quem, professora? – um pouco saliente, perguntou Robérvison com olhar desconfiado.

– Dela, da mãe, claro! De quem mais? – já percebendo que a pergunta de Robérvison tinha duplo sentido, soltou a resposta a professora.

– Professora, ela não é ignorante não, visse! Ignorante é aquele que conhece as possibilidades e escolhe a pior.

– Quem falou isso?

– O Prefeito Jamilnei. A senhora não lembra que eu morava na casa dele porque minha mãe trabalhava lá de doméstica e eu cresci lá? Então, quando ele abriu a escola e me chamou pra ser vigia eu disse que não vinha não e ele me chamou de ignorante. Na época eu não sabia o que significava direito, aí ele me explicou. Eu vim pra cá na marra porque minha mãe mandou e o Prefeito disse que não ia me sustentar mais e que eu precisava trabalhar e fazer minha vida.

– E o que você quer me dizer, Robérvison? – espantada com a resposta do vigia, a professora já começa a ter novos planos de carreira para aquele funcionário.

– Eu quero dizer que a Maria Lourdes não vem amanhã e muito menos a mãe dela e menos ainda os irmãos dela – com a certeza de quem sabe que o sol nasce todos os dias, respondeu Robérvison trazendo mais gelo.

– E por que não? – completamente desiludida, questiona Maria da Luz.

– Porque gente como aquela não vem pra cidade pra bater papo, professora.

– Bater papo? Eu disse que era para receber dinheiro, Robérvison.

– E a senhora acha que a mãe da Maria Lourdes acreditou? Dinheiro pra ela só vem da venda da mandioca e isso ela só faz no sábado, no dia da feira que acontece a cada quinze dias aqui na cidade.

– O que você está me dizendo?

– Sim, professora, o povo da roça só vem pra a cidade no sábado pra vender o que produziu e comprar a feira da quinzena. É assim.

– Que ignorância a minha.

– Falei, professora.

Meio sem jeito, mas aceitando o comentário de Robérvison, a professora diz:

– Taí o caminho, Robérvison. É a feira que irá trazer a turma e é no sábado que temos que fazer um mutirão de documentação, e um evento pra entusiasmar as mães a colocarem os filhos na escola. Elas precisam conhecer o Bolsa Estude. Hoje é segunda-feira, temos terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo desta semana e segunda, terça, quarta, quinta e sexta da semana que vem para prepararmos tudo. Que emocionante! Podemos ter uma palestra e ...

– Palestra, professora?

– Sim, monto o telão na frente da escola e mostro os slides. As professoras falam, os alunos, as mães, os pais e os avós – toda animada, começou a imaginar a professora.

– Professora, por que é que a senhora sempre pensa que está na capital? Lá na metrópole, lá na cidade grande? Repare bem no que tem aqui, professora. E olhe bem pra senhora: galeguinha, zolhão claro, sotaque do sul, magrela, cheia de rapidez desesperada por resultados rápidos, a senhora vive dizendo que a vida é pra ontem, se lembra? Todo mundo ri da velocidade que a senhora caminha, visse? Telão neste calorão? Oferece sorvete e manda alguém explicar embaixo das árvores da praça, professora.

Arrasada a professora respira fundo e diz:

– Robérvison, você não acha que está um pouco atrevido?

– Eu, professora? Sabe o quê? Eu demorei mais de ano pra entender o que a senhora veio fazer aqui. Já faz um ano e meio que a senhora trabalha como doida, mas só entendi mesmo o que a senhora faz há cinco meses quando a senhora colocou meus filhos aqui na escola de educação infantil. Os meninos estão tão sabidos. O dinheiro do Bolsa Estude e a Bolsa Fogão me fizeram ser uma classe média emergente com renda fixa. Até crediário eu tenho, professora. E vou comprar uma moto!

– Robérvison, a partir de amanhã, você começa na sua nova posição. Meu secretário de relações públicas – já com mil planos acelerados na cabeça, oferece Maria da Luz.

– E tem aumento? – sabido, perguntou Robérvison.

- Claro. R\$ 100,00 a mais.
- E quem vai pagar?
- O Prefeito.
- E ele sabe disso?
- Vai saber agorinha.
- E a senhora vai lá assim toda desfeita e só com um pé de sapato?
- Vou.
- Não é bom tomar banho?
- Estou fedendo?
- Tá.
- Mas é bom eu ir assim para o Prefeito sentir o drama.
- Quer a bicicleta?
- Já são 4 horas. É hora de você ir para casa. E amanhã você começa a trabalhar no meu gabinete da escola. Arrume um vigia para ficar no seu lugar, certo?
- Que tal o irmão mais velho de Maria Lourdes, professora. Ele é ágil e tem olho bom.
- Danado você, heim, Robérvison!
- Estou aprendendo, professora, essa tal de atividade de que a senhora tanto fala aí nas aulas das professoras. Escuto tudo aqui de fora. E eu, professora, vejo o povo com olhar de povo, e de povo

daqui, professora. Esse a senhora tem não, visse? É o meu olhar entrando no da senhora, certo?

– Estou aprendendo, Robérvison. E não traga minha mochila e meu boné quando for falar com o irmão de Maria Lourdes, tá bom? Diga pra ela trazer tudo pra mim no sábado da feira e ler os livros que estão dentro da mochila, está bem? Ah, e peça para a mãe de Maria Lourdes me trazer para eu comprar dois quilos daquela farinha de mandioca que ela faz.

– Pra ontem, professora!

Claudemirton começa a ser vigia

– Bom dia! – feliz da vida em ver o irmão de Maria Lourdes no portão da escola recebendo as crianças, saúda Profa. Maria da Luz.

– Dia! – Claudemirton responde, um pouco sem jeito, mas atento.

– Robérvison, você conseguiu que ele viesse! Providencie uma farda para ele hoje mesmo. Vá com ele, depois que as crianças entrarem, lá na Da. Rose Agulha para ela bordar a camisa dele – falou a professora já sentada em seu gabinete vendo sua agenda. Os preparativos para o sábado da feira começariam naquele dia.

– E eu vou ter farda nova?

– Claro! E peça para bordar “assistente de relações públicas”. Robérvison, o Claudemirton tomou café na cantina como os outros funcionários fazem?

– Se esbaldou, professora.

– Cuide pra que ele merende, almoce e merende antes de ir embora. Ele perguntou do salário?

– Falei que isso era com a senhora.

– Está certo. Então, depois de irem na Da. Rose Agulha, peça para ele vir conversar comigo. No caminho, já passe no cartório para tirar a certidão de nascimento dele e na prefeitura para tirar a carteira de identidade e carteira de trabalho. Tome aqui esse dinheiro para ele poder tirar foto para os documentos e crachá.

– Posso tirar foto nova para o meu crachá? Agora estou mais bonito do que no primeiro crachá. Tenho os dois dentes da frente, professora.

– Vá em frente, Robérvison.

Animada com o progresso dos acontecimentos, Profa. Maria da Luz liga para Da. Rose Agulha para ela agilizar o bordado para que Claudemirton já saia com a farda bordada. Ela também liga para o cartório e para a prefeitura.

– Sim, eu sei, mas ninguém na casa sabe direito em que dia foi. Sabem quantos anos têm, o que já é grande coisa. Que comprovante de endereço o quê! Coloque aí como o povo chama o local: Sítio do Vale da Rocha, km 18. O importante é o documento e eles serem reconhecidos como cidadãos brasileiros.

A manhã passa, chega a hora do almoço. Profa. Maria da Luz observa Claudemirton almoçar. Já com a farda bordada, ele dá boas garfadas no prato feito do bandeirão da escola: arroz, feijão, escondidinho de carne de charque e couve. Suco de graviola e doce de carambola de sobremesa. Ele come tudo como todos fazem. As merendas são de tapioca de queijo coalho com mel de engenho e café. A comida da escola é deliciosa: feita por cozinheiros e planejada por duas nutricionistas, todos orientados por universitários em formação da Universidade Federal do estado. Tudo trazido

pela Profa. Maria da Luz, que ama orientar os projetos de pesquisa, teses, artigos que vingam da escola. Ela adora conectar pessoas pela pesquisa para as revoluções sócio-histórico-culturais.

– Robérvison, você vem no meu gabinete com o Claudemirton para ele saber o que precisa fazer como vigia?

– Quem vai falar, professora, a senhora ou eu?

– Você não disse que tem escutado minhas aulas da formação de professores aqui na escola? Vá em frente com a sua formação. Será a sua primeira como assistente de relações públicas. Eu entro se precisar, ok?

Robérvison chega com Claudemirton no gabinete da Profa. Maria da Luz. Com a porta janela balcão bem aberta, a luz do cair da tarde já chegando e trazendo um tom levemente lilás ao ambiente, a Profa. Maria da Luz dá as boas vindas a Claudemirton.

– Como foi hoje pela manhã, no almoço e no retorno às aulas, Claudemirton? – perguntou Robérvison.

– Bem.

– Alguma criança ficou pra fora da escola, tentou escapar?

– Não. Tudinho entrou.

– E algum estranho por perto rondando a escola?

– Não senhora. Conheço todo mundo aqui.

– Claudemirton, você já foi vigia antes?

– Já.

– Ah, sim? Onde? – um pouco desconfiado, perguntou Robérvison.

– Das cabras, dos jumentos, das mandiocas e dos meus irmãos.

– E o que você faz como vigia disso tudo?

– Bom, das cabras, eu vigio se elas pastam direito e vigio se o pasto está bom pra elas comerem. De tanto em tanto eu troco o *pasteio*, pra elas não ficarem doentes e darem leite bom.

– E dos jumentos? – pergunta Profa. Maria da Luz já interessadíssima no técnico em agropecuária que via em sua frente e já pensando em sua cabeça em entrar em contato com o SEBRAE e a EMPRAPA locais, além da Faculdade de Agronomia e Veterinária da Federal. Ela anota as ideias no papel para elas não fugirem.

– Bom, os burro e jumento são mais fácil porque só vigio se eles comem milho, se pasteiam, se descansam e se estão com os cascos bons pra aguentarem a transportar a mandioca até aqui a cidade e pra puxar a carroça que traz a gente pra cá.

– E ser vigia de mandioca? – quase que não se contendo de tanta surpresa de conhecimento naquele sujeito até então oculto, a professora faz outra pergunta.

– Bom, a mandioca dá mais trabalho, porque tem que colher, descascar, triturar, lavar pra tirar a massa da tapioca, carregar balde de massa... – e assim continua aquele especialista em plantaço de mandioca.

– E dos meninos? – pergunta Robérvison, retomando a fala fazendo um olhar para a Prof. Maria da Luz dar espaço de volta para ele.

– Desses tenho que ter olho no corpo todo pra ver se eles não fogem de casa. Eles vivem querendo fugir do sítio. Principalmente Maria Lourdes. Quando vejo, ela está com o pé na estrada. A sorte, que de lá de casa pra cá é subida e eu a vejo de longe na subida. Corro lá e a trago de volta.

– E como você relaciona ser vigia na plantação e com os animais com ser vigia de escola? – pergunta a Profa. Maria da Luz cheia de curiosidade com as relações que aquele agricultor iria fazer.

– É mais fácil professora porque criança não é jumento, nem mandioca. É gente que sabe pensar e sabe o que tem que fazer. Se eles estão aqui é porque querem estudar. Eu só cuido pra eles entrar direito na escola, estacionar as bicicletas bem e ajudo as crianças a sair bem da van da prefeitura. Profa, essa van podia passar lá em casa pra buscar e levar meus irmão?

– Claro, eles só precisam estar matriculados e sua mãe fazer parte do Bolsa Estude, o programa do qual falaremos no sábado, depois da feira daqui a alguns dias. Claudemirton, lembre-se que você é o primeiro contato dos pais e do público com a escola. Se alguém quiser informação, peça para entrar e vir na secretaria e, se alguém estiver muito bravo ou alterado, já mande direto pra mim. Se perceber qualquer coisa estranha, me avise, sim?

– Tá. Professora, quanto eu vou receber?

– Tirou sua carteira de trabalho?

– Estão aqui. Carteira de identidade, certidão de nascimento, CPF e carteira de trabalho. Já sou número.

– Puxa! Que beleza! – cheia de satisfação e emoção no coração, Profa. Maria da Luz sente o poder da educação injetar vida em seu coração.

– E o salário, professora?

– Desculpe-me, sim, estava pensando em você no futuro. Bom, é o salário mínimo estipulado pelo governo federal. Tem mais uma cesta básica que contém muitos produtos que o Robérvison explicará.

– Boa sorte! – Robérvison deseja ao mais novo colega de trabalho.

– Agora já é quase hora dos alunos irem embora.

– Já vou pro meu posto, 'fessora.

– Robérvison, você volta aqui depois, por favor?

– Trabalho aqui agora, lembra-se?

– Ah, sim, que bom!

Robérvison volta, senta no seu novo birô, que o deixou com muita alegria. Profa. Maria da Luz providenciou um para ele com computador e tudo.

– Profa. Maria da Luz, posso fazer uma plaquinha com meu nome pra colocar aqui na mesa?

– Sim, claro. Fale com o Mário da Placa, ok? Robérvison, preciso que você entre em contato com o Gestor do SEBRAE Nordeste, região do agreste. Depois, peça para o gerente do banco passar aqui amanhã cedo para conversarmos sobre o micro-crédito para

a formação de uma cooperativa de farinha de mandioca. Você teria como levantar quantas famílias estão aqui por perto, num raio de 5 km, norte, sul, leste e oeste e que vivem como a família da Maria Lourdes? Ah! Preciso que você entre em contato com o Professor de Agronomia da Federal Rural. Você descobre quem é ele?

– A parte que posso fazer por aqui, eu faço já. Mas como vou descobrir quem é o professor da Federal Rural?

– No site da universidade. O computador está aí – percebendo que seu assistente não tem conhecimentos na área de informática. – Peça ajuda para o Cláudioswaldo, o professor de informática aqui na escola. Ele ajudará a você ... e comecem a pensar no que apresentaremos no sábado. Preciso marcar uma reunião de organização do sábado da atividade de trazer a Maria Lourdes de volta para a escola.

– Mas tudo isso é pra Maria Lourdes, professora?

– Sim e não. Ela é o início de muitas outras Maria Lourdes que estão por aí no pasto e na plantação. Isso tudo começa com ela, mas na verdade, queremos as outras crianças como ela, me entende?

– Entendo mais ou menos. Quer que eu chame alguém, professora?

– Sim, por favor, a Marcinha. Preciso combinar com ela uma reunião para amanhã mesmo com os professores e mães e pais que possam vir.

– Posso dar o recado na hora da saída quando eles vierem apagar as crianças – comentou Robérvison, saindo para buscar a

Marcinha. Quando ele olha para trás, Maria da Luz está fazendo anotações em seu caderno.

– Robérvison, – chama a professora, percebendo o olhar dele para ela – por que você não vem no curso de EJA à noite e faz o curso de informática na escola da família no final de semana?

– Pra quê, professora?

Coçando o pescoço como faz quando a agonia bate em seu corpo, a professora Maria da Luz conta até dez para se controlar.

– Que foi professora? Quando a senhora coça a barba não é bom sinal.

– Pra quê? pergunto eu, Robérvison.

– Ih, ficou brava. Eu sei a resposta, professora.

– Então?

– Mas já está bom aqui.

– Pense bem na sua resposta, Robérvison. Há muitas outras promoções aguardando você, mas você precisa desenvolver-se ainda mais. Só porque foi promovido, vai encostar? Você não tem mais sonho, não?

– Tenho.

– E qual?

– Tá longe.

– E o que você está fazendo pra ficar mais perto dele.

- Nada.

- E?

- Fui.

O dia da feira

É sábado. Dia de feira. Dia *da* feira. Profa. Maria da Luz não se aguenta naquele corpo que, nesta altura, está fragilizado e emagrecido de tantas emoções e revoluções daquelas duas semanas que acabavam. Uma outra começava ali naquela feira de sábado. Ela veste seu uniforme: calça jeans, hoje com uma barra florida dobrada para fora com o mesmo detalhe na cintura. Sua camiseta continua ser uma babylook branca, mas agora também está bordada com seu nome Maria da Luz Valentevic e com seu posto logo abaixo: Diretora Pedagógica. E, logo abaixo o logo enorme da escola: Instituto Ação Cidadã de Educação Infantil, Fundamental, Médio e de Jovens Adultos.

“Vamos lá, Maria da Luz! Você se envolve nas coisas, envolve todo mundo, a coisa cresce, e aí você fica assim: imprestável e cheia de ruga e olheira? Vai meu bem!” falando consigo mesma e lembrando das outras centenas de vezes em que passou por momentos assim, a professora pega um de seus livros de poesia para buscar algum alento para a alma. Lê um pouco, refresca o rosto com uma poção mágica que sua avó ensinou e está pronta linda e radiante!

Quando abre a porta, ela logo vê o que menos esperava ver no portão de sua casa. Maria Lourdes de boné laranja, os cinco ir-

mãos e a mãe, com a mochila rosa nas costas e o saco de dois quilos de farinha na mão.

– Já vendemos as mandioca na feira, professora – diz a mãe de Maria Lourdes. – O Claudemirton falou pra gente vir aqui buscar a senhora e entregar a farinha.

– Muito obrigada. Oi, Maria Lourdes, minha querida! Que bom te ver, minha linda! E trouxe seus irmãos!!! – procurando dar um abraço em todos de uma vez, cumprimenta a Profa. Maria da Luz. Quanto é a farinha?

– Dois reais – respondeu a mãe.

Tirando cinco reais da bolsa, Maria da Luz entrega a nota para a mãe de Maria Lourdes, que dá R\$ 3,00 de troco. Maria da Luz não quer pegar o dinheiro, mas o pega para valorizar a vendedora de farinha.

– Que bom que a senhora já vendeu suas mandiocas. Vai vender muito mais em breve. Vamos para a quadra da escola? Será lá o nosso encontro com outras plantadoras de mandioca, feijão e milho, além de criadores de cabra, jumento e burro.

– Num ia ser na praça e com sorvete? – indaga a mãe de Maria Lourdes.

– Ia. Mas são tantas as novidades que preferimos organizar as famílias na quadra da escola porque lá tem onde sentar na arquibancada, tem a sombra do telhado e a cantina para servir o almoço e o sorvete de sobremesa.

Juntos, a professora, a mãe e seus cinco filhos caminham pela cidade. Passam pela feira que está num alvoroço. Robérvison se articulou com as outras professoras, com o técnico do SEBRAE, os alunos que desenvolvem pesquisas de Mestrado e Doutorado na área de plantio de manejo de feijão, milho e mandioca, além de pesquisadores de queijo de cabra gourmet a partir da plantação de nogueiras na caatinga. Também presentes o prefeito Jamilnei, que dá total apoio à Profa. Maria da Luz, e o representante local de uma grande loja varejista de eletrodomésticos, que doará 20 fogões a gás para as primeiras 20 famílias que aderirem ao Bolsa Estude e ao Bolsa Fogão. Da EMPRAPA havia pesquisadores fazendo levantamento de dados sobre os números de pessoas trabalhadoras na roça e abrindo caminho para o que Maria da Luz quer chamar de Cooperativa de Casa de Farinha Maria Lourdes. Planos. Pais, mães, avós, madrinhas, alunos, professoras, todos na escola unidos pela revolução local de matricular novos alunos.

As novidades foram muitas e as pessoas se aglomeraram na quadra da escola e nos degraus da arquibancada. Por enquanto, muita novidade, mas nenhum resultado concreto. Tudo era falatório. A feira teve que parar porque as pessoas venderam seus produtos, mas não compraram nada porque foram para a escola. Os feirantes decidiram ir também. A feira ficou ao Deus dará.

Na entrada da escola, Claudemirton separa quem conhece de quem não conhece. Os novos são encaminhados para uma fila na qual um grupo de alunos do ensino médio da própria escola cadastram a todos e entregam um crachá de visitante com o nome escrito.

O calor na quadra é grande, apesar do telhado, e Profa. Maria da Luz decide passar uma rodada de suco de caju para todos, com tapioca com mel de engenho. A comezanga é farta e a quantidade de lixo no chão também.

– Pouco a pouco, Professora. Tudo ao seu tempo. Do lixo a gente cuida depois. Foco! Lembra-se do que a senhora me diz todo os dias: Foco! – dá um apoio Robérvison.

– Boa tarde a todos! Pessoal, meu nome é Maria da Luz, diretora pedagógica aqui da escola. Estamos muito felizes em vê-los aqui hoje para nosso encontro que visa explicar sobre como matricular os filhos de vocês aqui na escola e sobre o Bolsa Estude com o qual vocês receberão um salário para os filhos virem estudar aqui. Para vocês conhecerem um pouco disso tudo, o Robérvison Souza, assistente de relações públicas, entrevistou algumas pessoas da cidade que já fazem parte do Bolsa Estude e que estão aqui presentes. Muitos dos filhos dessas pessoas estão aqui também. Cadê vocês, pais que fazem parte do programa? Levantem a mão para a gente poder ver vocês. Vocês poderiam se levantar, por favor, para os outros pais verem vocês?

E um punhado de gente levanta a mão e se levanta. Quem não faz parte, olha meio de lado para ver.

– E cadê os filhos de vocês? Levantem as mãos também, sim? Agora levantem-se, ok?

E um bocado de criança e adolescente levanta a mão e se levanta acenando para o público.

– Vamos ver o que colegas, vizinhos e amigos de vocês têm para contar – apresenta Maria da Luz.

Num telão na quadra da escola, começa a aparecer um vídeo caseiro editado pelo Cláudioswaldo, o técnico de informática da escola e seus alunos, que também auxiliaram Robérvison a fazer o filme. A Professora de Teatro auxiliou na escolha das cenas e na montagem do roteiro. A Professora de Música escolheu a música de fundo, que é composta de músicas regionais tocadas por alunos da escola. O professor de Educação Física cuidou da cena de entrada, que mostrava os alunos em atividades esportivas na quadra e na piscina da escola.

O silêncio na plateia era grande. As falas começam no vídeo.

– Meu nome é Robérvison Souza e estou aqui pra entrevistar cidadãos que fazem parte do Bolsa Estude. O objetivo desta entrevista é mostrar pra vocês que é muito fácil a gente poder dar outro tipo de vida pra nossos filhos. A que a gente leva é importante, mas pode ser muito melhor. Vejam meu caso. Eu era filho da empregada do prefeito. Há quatro anos ele abriu esta escola com auxílio do governador do estado e com apoio educacional da Universidade Federal. Fui contratado pra ser vigia. Há um ano e meio chegou a Profa. Maria da Luz aqui e começou a dar aula para os professores da escola. Muita professora chega toda semana pra estudar. Eu comecei a escutar do terraço todas as aulas. O número de alunos na escola começou a crescer e vem até aluno de outras cidades estudar aqui. Agora a nossa escola é escola de criança, de adolescente e de adulto e ainda com aula especial no final de semana pra quem quiser aprender mais. Eu mesmo me matriculei no curso para aprender a mexer no computador. Minha

primeira aula foi no sábado passado – olhando para a Profa. Maria da Luz, Robérvison continuou. – Há cinco meses, meus três filhos começaram a estudar aqui na escola, depois de muita insistência das professoras, que todos os dias me perguntavam:

– Robérvison, quando você vai trazer seus meninos pra escola? Olha o Bolsa Estude, heim?!

– De tanto falarem, trouxe os meninos. E me cadastrei no Bolsa Estude e no Bolsa Fogão. O que é isso? Deixe os meninos falarem.

Rosanelson, uma criança da escola, explica:

– Antes eu ficava na roça, agora venho pra escola pra estudar. Eu quero ser agrônomo. E painho recebe um dinheiro por mês pra que eu e meus irmãos possamos vir pra escola. Assim, a gente não trabalha na roça e vem estudar período manhã e tarde. É um dinheiro para a gente estudar e melhorar de vida. Agora a gente tem televisão, geladeira e fogão, e caderno e livro, e brinca muito aqui na escola.

– E mainha tem a Bolsa Fogão. Agora, não machucamos a mão cortando árvore e nem perdemos a manhã buscando e trazendo madeira pra lenha. O caminhão para lá em casa e troca o bujão de gás. O fogão é novo e liga e desliga numa facilidade – com firmeza de dona de casa experiente, Raucicleide, uma aluna, explicou.

A próxima cena mostra diferentes pais e mães recebendo o benefício do Bolsa Estude na loteca da cidade. Dali, eles vão para o supermercado e compram produtos. Outros aparecem comprando passagem de ônibus na rodoviária e um outro saindo com uma moto da loja de motocicleta.

Outra cena mostra uma fila de gente e várias são entrevistadas.

– Antes era só enxada. Agora os meninos vão tudo pra escola estudar e virar diplomado – comenta uma mãe com o cartão de sacar o benefício em mãos.

– Os meninos vão pra a escola e eu também estou no EJA. É bom aprender. Quero ser merendeira – divide outra mãe.

– Eu trago os meninos todos os dias e agora trabalho na faxina da escola. Sou faxineira e tenho carteira assinada – uniformizada com a farda da escola, e mostrando o emblema da escola para a câmera, outra mãe externaliza seus sentimentos.

– Eu gosto da biblioteca porque tem livro, revista, revistinha e a gente lê – comenta um aluno sendo filmado na biblioteca da escola.

– Pra mim, meu lugar favorito é a cantina porque gosto de comer – sorrindo com comida na boca, conta um aluno que é filmado junto com os colegas na hora da merenda.

As imagens continuam mostrando outras mães na fila da loteca e muitos alunos entrando na escola com mochila nas costas e farda no corpo.

Robérvison volta à cena e pergunta:

– O que precisa fazer pra receber o Bolsa Estude?

O vídeo para, e um dos alunos da escola responde:

– Matricular os filhos e, para isso, tirar documentos. Tudo isso é logo ali na secretaria da escola. Somente hoje aqui na escola.

Maria da Luz havia conseguido, com o cartório e a prefeitura, um posto móvel para retirada de documentos na própria escola.

O Prefeito Jamilnei continua:

– Depois, precisa se cadastrar e cadastrar os filhos na Prefeitura que também está aqui na escola hoje. Estamos nas salas 01, 02 e 03.

O vídeo é retomado e mostra a imagem de várias crianças na escola: chegando, entrando, merendando, participando das aulas, almoçando, em passeio do mês que a escola organiza, merendando novamente e indo embora.

Robérvison volta ao núcleo da cena e fala:

– Agora é sua vez! Faça já sua inscrição e matricule seus filhos!

E numa cena final, todos os professores, funcionários e alunos falam juntos: “Esperamos vocês!!!”.

O vídeo acaba e aparecem os créditos de todos os que participaram. Algo de arrepiar! Maria da Luz ficou atrás de todos na arquibancada só para sentir a reação do povo e também para esconder as lágrimas, que sempre chora ao ver tanta coisa linda. Ela sempre anda com uns lençinhos para secar a enxurrada que costuma descer olho abaixo. As pessoas não reagiram como ela esperava, mas ela ainda vai aprender a ler a reação em pessoas da roça.

Robérvison pergunta para a plateia:

– Alguma pergunta? Dúvida? – um pouco desacorçoado por ninguém ter aplaudido seu filme, pergunta Robérvison.

Uma mãe levanta a mão e um aluno leva o microfone até ela, que não sabe o que fazer com o mesmo. O aluno segura o microfone para ela, que pergunta: “Se os mininu vem pra escola, e eu também, quem faz a colheita?”

– Na primeira etapa do programa, a escola será de 4ª a sábado para as famílias poderem se organizar na plantação 2ª e 3ª. Depois, teremos novidades da EMBRAPA e do SEBRAE. Mas isso é lá para o segundo semestre – explica a Profa. Maria da Luz, que já voltou para a frente e está composta.

– Quem quiser saber mais sobre isso, visite a sala 5 – completa uma professora. – É isso mesmo, quem quiser se ver no futuro, vá na sala 5 conversar com os técnicos da EMBRAPA e do SEBRAE.

Outra mãe levanta a mão: “E quem ordenha as cabras?”

– Lá em casa, ordenho eu e meu esposo – responde uma mãe que está ao lado do marido, que completa:

– O serviço é mais forte, mas os meninos estão estudando e todo o mês nós recebemos o Bolsa Estude que vale muito mais do que eles na roça.

– E quem colhe a lenha? – uma mãe mais brava levanta a questão.

– Não tem mais que usar lenha porque tem o Bolsa Fogão. A senhora ganha todo mês um bujão de gás para cozinhar. E, se participar do programa de “Guardião do m2 da Caatinga”, a senhora ainda ganha mais dinheiro por árvore que cresce.

– E o fogão, quem dá? – com desdém uma outra mãe questiona.

– Hoje, serão doados 20 fogões para as primeiras 20 famílias que se cadastrarem no Bolsa Estude e depois, mês a mês, novos fogões serão dados para os novos inscritos – explica o representante da grande loja de eletrodomésticos da cidade.

– A gente pode ver se dá certo com o vizinho, pra decidir se entra?
– desconfiada pergunta outra mãe.

– É claro! – respondeu Maria da Luz. – E espie bem tudo o que o seu vizinho vai conquistar.

– E os meninos, ganham o quê? – perguntou um pai.

– Ganham a chance de ter uma escolha diferente da de vocês. De poderem fazer escolhas de trabalho, de vida, de terem opções para escolher. Os filhos de vocês precisam ter escolhas: serem agricultores, criadores de animais, engenheiros, professores, motorista, médico, enfermeiro, enfim, são tantas as opções. Eles ganham opções – respondeu Maria da Luz.

– Bom, gente, chega de pergunta que no mês que vem tem mais. Agora, quem quiser matricular os filhos na escola e se cadastrar para receber o Bolsa Estude e o Bolsa Fogão é só fazer fila ali na secretaria. As crianças não precisam ir junto, podem ficar aqui na quadra porque teremos atividades para elas.

Rapidamente para as mães não pegarem as crianças, algumas professoras organizam a criançada em grupos de atividades na quadra. Algumas mães procuram incentivar outras mães a participarem do Bolsa Estude e Bolsa Gás. Elas, meio que vão colocando as mães com filhos fora da escola na fila que Robérvison organiza

na secretaria para que todas tirem os documentos dos filhos e os cadastrem no programa para estudar. As pessoas envolvidas naquele mutirão de vidas pouco se falam. O código de *tudo bem* entre eles é uma piscadinha e um sinal com o polegar direito ou esquerdo bem animado. Marcas pessoais de Maria da Luz, que já passaram para os que sabem que ela precisa de sinais nas horas apertadas.

São onze mães que estão em pé na fila. Uma delas com a mochila rosa nas costas: É a mãe de Maria Lourdes!

– Só onze, Robérvison – doída, cochicha no ouvido de Robérvison, Maria da Luz.

– Temos onze, Professora! Não é assim que a senhora fala na aula? E, cada uma dessas mães tem cerca de 5 filhos. Então, são cerca de 55 alunos novos, professora. Veja 55!

– Robérvison, Robérvison! Que conta mais linda! Amei! Vamos em frente! – feliz e rindo, Maria da Luz se aproxima da mãe de Maria Lourdes.

– Fico muito feliz em ver a senhora aqui. Como é que a senhora se chama?

– Maria Mercedes.

– Puxa! Mais uma Maria!

– Minha mãe e irmãs também são Marias: Maria Cleovina, Maria Luíza, Maria Joana, Maria Rosa, Maria Malvina e tem mais Marias, professora. A professora esqueceu sua mochila na casa de farinha

lá no sítio. Aqui. Começando a tirar das costas, diz a mãe da Maria Lourdes.

– É sua. Meu presente para a senhora, Da. Maria Mercedes. Espero a senhora aqui à noite na quarta-feira para começar o EJA. A senhora será uma ótima aluna.

– Não dá pra ser de dia junto com os meninos? Assim, eu vinha na van também. Muito escuro de noite e os meninos vão ficar sozinho em casa.

– Sabe que eu não tinha pensando nisso? Vamos fazer um EJA vespertino sim. Adorei a ideia. Por que EJA é só à noite? Que absurdo? Que nunca tinha pensando nisso. Da. Mercedes, a primeira turma terá seu nome e começarei um projeto sobre EJA vespertino e colocarei seu nome no título.

Maria da Luz volta para a quadra para ver as crianças. De longe enxerga um pontinho laranja. Ela chega perto e vê uma menina. Chega mais perto vê um ser humano. É Maria Lourdes. Maria da Luz chega mais perto e Maria Lourdes a nota, levanta e traz seu caderno. Na página em que Maria Lourdes mostra, há um desenho: é Maria Lourdes, de boné laranja, sentada numa carteira dentro de uma sala de aula. Tem um desenho da escola também. E tem um desenho da mãe, também na escola com uma mochila rosa nas costas. Bem grande, em cima de todo o desenho está escrito: MARIA LOURDES NA ESCOLA!

Maria da Luz procura ser forte, mas não se aguenta. Ela se abaixa para ficar na altura de Maria Lourdes. As duas se abraçam tão forte que até parece que uma vai emendar na outra.

Robérvison se aproxima e chama a professora:

– Professora Maria da Luz: foco! Tem muita gente querendo falar com a senhora e tudo pra ontem, visse?!

E os anos passam

Passados cinco anos, Maria Lourdes termina o Ensino Fundamental, período em que descobriu que tem uma linda voz. Faz parte do coral da escola e é sempre a solista. As apresentações são sempre muito ovacionadas. Ela segue para o Ensino Médio.

Os irmãos de Maria Lourdes continuam na escola, no final do Ensino Médio. Nas oficinas de final de semana aprenderam técnicas agropecuárias. Agora, suas cabras fazem parte de um projeto experimental acompanhado pelos alunos e professores de Agronomia da Federal da região. As noqueiras plantadas no terreno da família possibilitam que as cabras comam nozes, o que faz o queijo ser mais saboroso e perfeito para a culinária gourmet. Os planos são de exportar o queijo em pouco tempo. Por enquanto, a escola compra toda a produção para a merenda, e a prefeitura para o refeitório da mesma.

Da. Mercedes virou líder da Cooperativa Casa de Farinha Maria Lourdes. A inauguração foi emocionante. Estavam todos da cidade e veio a TV registrar tudo que saiu no canal nacional. Muito chique. São 35 mulheres trabalhando juntas para a produção de farinha de mandioca, massa para tapioca e, mais recentemente, iniciaram uma fabricação de bijou.

Claudemirton terminou o EJA e o curso técnico de carpintaria dado aos sábados e domingos na Escola da Família. Hoje ele trabalha na prefeitura da cidade como responsável pela manutenção geral da marcenaria dos órgãos públicos do município.

Robérvison terminou o EJA e o curso de informática da escola. Está ansioso para o mais novo passo da Profa. Maria da Luz. Está em construção a Primeira Faculdade de Letras e Pedagogia na região. Seu sonho é tornar-se professor, e, por que não, diretor escolar?

Em cinco anos, a virada econômica na cidade foi enorme. Muito embora muitos ainda resistam a querer optar pelos novos caminhos sendo oferecidos, sempre aparecem novos interessados em trazer seus filhos e a si mesmos para a escola.

A classe média emergente movimentou a economia local. Com a renda fixa, tem crédito e, pouco a pouco, crescem economicamente e desenvolvem uma estabilidade financeira.

A área de proteção ambiental cresceu com o Bolsa Fogo e com o Certificado de Protetor da mata nativa. Em cinco anos, a caatinga local renasceu em 20 %.

O índice de desenvolvimento humano local aumentou expressivamente. Os dados saíram nos documentos oficiais do Brasil.

Maria da Luz foi para outra cidade. Na hora que ela percebe que aqueles ao redor caminham com suas próprias escolhas, ela vai para outro canto. Nunca tem despedida. A noite chega e ela amanhece em outro lugar.